



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL TEM “COR”: MAPAS E CARTOGRAMAS DO LUGAR DA POPULAÇÃO NEGRA EM SALVADOR

KAÍC FERNANDO FERREIRA LOPES¹

ISADORA CARDOSO DOS SANTOS²

Resumo: Objetiva-se com este artigo discutir a produção da segregação socioespacial na cidade de Salvador, com foco na segregação da população negra tomando como base as questões das desigualdades histórico-sociais que se agravaram, mesmo após a abolição da escravatura, onde, pessoas de pele negra eram desterritorializadas e submetidas ao trabalho forçado. Nesse sentido, Salvador, primeira Capital do Brasil, fundada em 1549, é considerada uma das cidades com maior população negra no país, mas seu território é profundamente desigual, principalmente para as pessoas negras e pobres, que precisa viver nas periferias da cidade. Este artigo, pretende mostrar através de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mapas e cartogramas sobre os locais de moradia desta população negra e periférica socioespacialmente.

Palavras-chave: população negra, periferia, segregação.

1 INTRODUÇÃO

A escravidão de pessoas negras no Brasil, conforme afirma Santos (1996) “marcou o território, marcou os espíritos e marca ainda hoje as relações sociais deste país” (SANTOS, 1996, p. 135). Mesmo tendo como marco a abolição em 1988, através da Lei Áurea, o passado, se constitui como parte da história do Brasil e apresenta os reflexos na sociedade e no território (SANTOS, 1996). Desta forma, é possível compreender que os reflexos da escravidão resultam até os dias de hoje na diferenciação de classe, distribuição de recursos e na produção do espaço, através das dinâmicas sociais no decorrer do tempo.

No Brasil, apesar de não ter existido um apartheid, pesquisas e dados vem relatando que as metrópoles são caracterizadas em lugares com diferenciação não apenas de renda – bairros ricos versus bairros pobres -, mas também pela divisão étnica, e para simplificar, lugares de negros e lugares de brancos, constituindo, assim, a materialização dos processos histórico-sociais do espaço urbano ao longo do tempo de uma sociedade marcada pela escravidão. Nesse sentido, Souza (2009), relata que existe um senso comum que tende a naturalizar as desigualdades sociais do Brasil, pelo simples

¹Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. E-mail: kaicfernando@outlook.com

²Graduanda em Geografia na Universidade Católica do Salvador. E-mail: isadoracardoso696@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

eufemismo herança da escravidão, o que muitas vezes acaba por relaxar responsabilidades e contribuir para a “naturalização da desigualdade”. (SOUZA, 2009, p. 403).

Durante muito tempo, pessoas negras eram tratadas em regime de escravidão, onde se justificavam através de correntes ideológicas a inferioridade dos negros, teorias como o darwinismo social³ e a ideologia do branqueamento⁴, que dificultaram a compreensão de consciência de toda a sociedade, inclusive o debate destas questões no âmbito político e social, o que na verdade, até os dias de hoje, ainda acontece.

Voltando à questão da forma precária como vivem grande parte da população brasileira, Souza (2009), destaca que “não é a escravidão, mas o abandono secular de ex-escravos e de uma maioria de homens livres ao seu próprio azar, tão sem eira nem beira quanto os próprios escravos e de qualquer cor de pele, que é a verdadeira causa desse flagelo” (SOUZA, 2009, p. 403). Desta forma, a negligência histórica relacionada à forma precária de vida de muitos brasileiros, não se resume apenas à escravidão – que teve fim no Brasil há pouco mais de 130 anos -, mas é possível compreender que o abandono de pessoas à propria sorte é uma das principais causas das desigualdades que existem no Brasil. Sendo possível, relacionar todos os fatores da desigualdade também na produção do espaço, ou seja, se não há destaque para o racismo ao analisar as desigualdades socioeconômicas no espaço urbano, existe a possibilidade de mascarar o racismo estrutural presente em nossa sociedade, gerando dados que não são capazes de explicar a razão das grandes quantidades de pessoas negras nas periferias de nossas cidades, constituindo-se como o que o autor Jessé Souza denomina “ralé estrutural brasileira”⁵.

Segundo o Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “43,1% da população brasileira declararam pardos e o maior percentual desse contingente

³Tese que defende a inferioridade biológica de pessoas negras.

⁴Holston (2013), aponta que a expressão “quanto mais branco melhor” indica uma orientação cultural ainda dominante no Brasil. O branqueamento, sendo uma importante teoria racial desde o início do século XIX, que entre 1880 e 1920 “tornou-se um processo validado pela ciência” (HOLSTON, 2013, p. 105).

⁵Souza (2009, p.122) define a ralé estrutural - conceito intencionalmente provocativo - como a “classe que está abaixo dos princípios de dignidade e expressivismo, condenada a ser, portanto, apenas ‘corpo’ mal pago e explorado”



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

estava na Região Norte (66,9%), sendo que todas as regiões revelaram percentuais acima dos 35%, exceto o Sul, com 16,5%. Ainda segundo o censo, 7,6% dos entrevistados se declararam pretos, e seu maior percentual estava no Nordeste (9,5%), com o Sudeste (7,9%) a seguir, enquanto a Região Sul mostrou o menor percentual (4,1%)” (IBGE, 2010).

Dada a importância de pesquisas no âmbito das desigualdades socioespaciais com foco na questão étnico-racial, o artigo pretende trazer, além das questões teóricas, dados, mapas e cartogramas gerais sobre a segregação socioespacial com foco na questão étnico-racial na cidade de Salvador (BA), considerando o viés dialético da produção do espaço.

A relevância em dar ênfase à questão da segregação socioespacial com foco étnico-racial reside na justificativa de que os estudos sobre segregação nas cidades brasileiras apontam de forma recorrente que a pobreza gera segregação socioespacial, mas de forma geral, estes estudos não abordam a situação da população negra, conforme aponta Rolnik (1989), a questão dos negros nas cidades foi pouco explorada de forma empírica, tanto na sociologia do negro quanto na sociologia urbana, ficando a cargo da antropologia focar maior parte de seus estudos em instituições negras específicas – como templos religiosos e estudos voltados para a arte.

2 DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL À SEGREGAÇÃO RACIAL

Tratar da produção do espaço urbano significa que é preciso considerar o processo histórico de nossa sociedade, o contexto de produção e reprodução capitalista no espaço urbano, e, portanto, as desigualdades socioespaciais decorrentes dos processos de urbanização no contexto capitalista. Nesse sentido, os estudos sobre a produção das cidades brasileiras apontam de forma mais comum a segregação socioespacial caracterizada pela periferização da pobreza (KOWARIK, 2009; VILLAÇA, 2001), onde, a população mais pobre foi/está sujeita ao mecanismo de expulsão para áreas periféricas, resultando na segregação, que pode ser social ou socioespacial.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Na intenção de contribuir com estudos que dizem respeito à situação das pessoas negras no espaço urbano, partimos do entendimento que a questão da segregação socioespacial extrapola os aspectos socioeconômicos na medida em que é possível perceber que a desigualdade étnico-racial é uma característica marcante das disparidades socioterritoriais nas cidades brasileiras. Nesse sentido, Oliveira (2013) demonstra que no contexto da cidade e do urbano, da desigualdade entre pessoas negras e brancas, vai além de definições socioeconômicas que tendem a mascarar o racismo estrutural em nossa sociedade – diferente do que aconteceu com o apartheid nos Estados Unidos da América, por exemplo –, pois a segregação racial no Brasil não é formalizada no âmbito político institucional.

De acordo com Telles (2004), é preciso considerar nos estudos brasileiros os reflexos da história na interpretação da segregação, pois no Brasil os efeitos da mesma, não são baseados em leis – como nos Estados Unidos da América e África do Sul. Oliveira e Souza Oliveira (2015) que “a segregação de base racial, não é um tema comum que esteja na agenda socioeconômica, política e educacional” (OLIVEIRA E SOUZA OLIVEIRA, 2015, p. 03). A questão é que o tema parece invisível nas discussões sobre o espaço urbano, cidades e território, embora as cidades brasileiras sejam explícitos locais de diferenciação socioeconômica, pela etnicidade e cor da pele⁶. A questão é que os processos históricos da sociedade tendem a concentrar pessoas de diferentes cores de peles em lugares distintos da cidade, processo denominado como segregação racial do espaço urbano (CAMPOS, 2007; ROLNIK, 1989; OLIVEIRA, 2013).

Moassab (2008) discorre que a segregação do espaço urbano “trata-se de um processo dialético, no qual a segregação voluntária de uns (dos mais ricos) provoca a segregação involuntária de outros (dos mais pobres)” (MOASSAB, 2008, p.77). Ainda para Moassab, a “cidade segregada, dos bairros operários do século XIX aos condomínios de luxo das últimas décadas, é também um grande lugar de exercício do biopoder disciplinar, confinando populações de acordo com a economia locacional do espaço urbano” (MOASSAB, 2008, p. 98).

⁶Como ilustra o mapa racial do Brasil elaborado pela equipe do PataData a partir de dados do Censo 2010 disponível no link: <http://patadata.org/maparacial/>



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

3 SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E ÉTNICO-RACIAL EM SALVADOR

A desigualdade social no território é promovida também através da expulsão da população que apresenta menor poder aquisitivo dos centros urbanos para áreas periféricas, este processo resulta no aumento do tempo em deslocamentos para as diversas atividades diárias, uma vez que na maioria dos casos as cidades possuem centralização dos serviços de emprego e renda, este fato acaba por prejudicar quem precisa viver na periferia.

No contexto dialético em que a tão conhecida colonização marca os indivíduos socialmente e pela cor da pele, é possível observar o território brasileiro, que é caracterizado por uma segregação social que também é racial, e neste contexto está a cidade de Salvador, que foi a primeira capital do Brasil, fundada no ano de 1549, no bojo da colonização europeia no continente americano.

A segregação socioespacial está relacionada com à desigualdade e exclusão social, o entendimento destes conceitos estão acima da capacidade aquisitiva de bens e serviços, sendo preciso também analisar aspectos como a discriminação – social, étnica, sexual, de gênero etc. – e a segregação e negação de direitos sociais básicos. A respeito disto, Gomide (2003) afirma que “a exclusão social é [...] uma situação de privação não só individual, mas coletiva” (GOMIDE, 2003, p. 7).

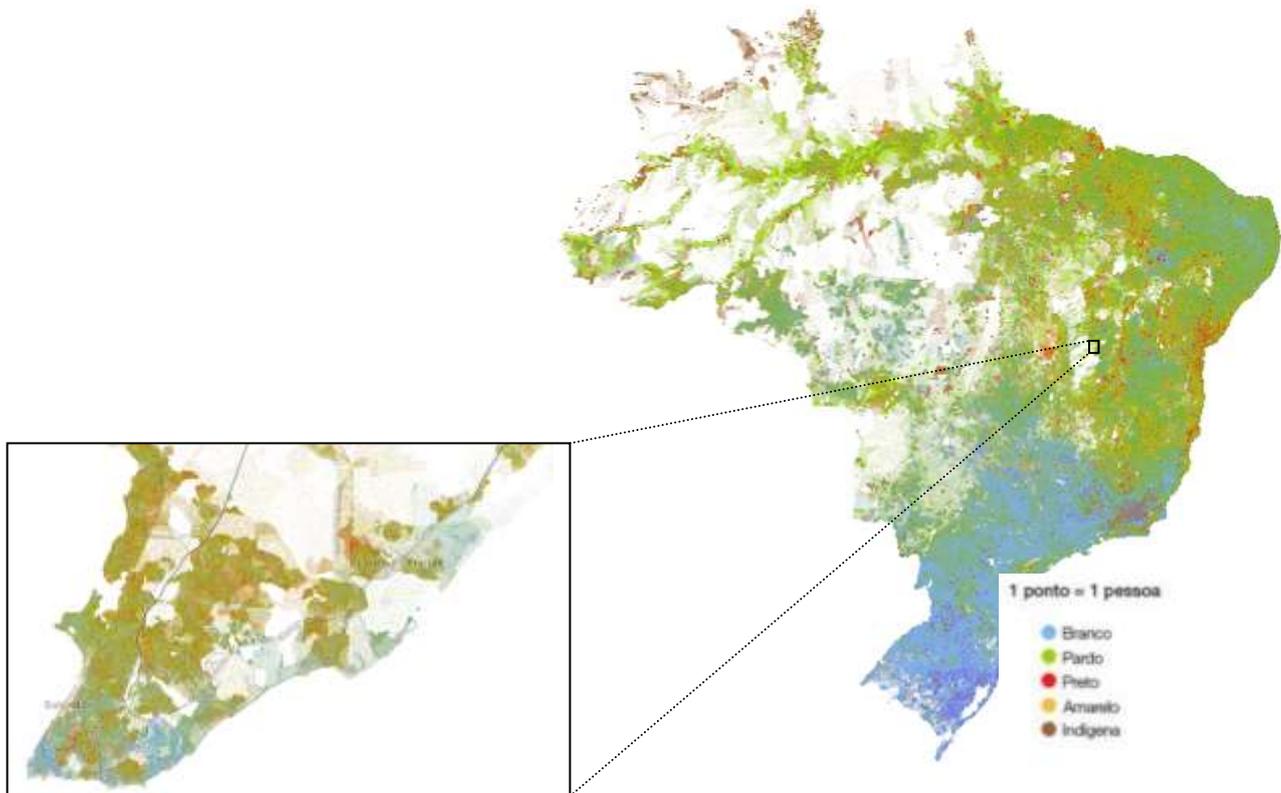
No caso de Salvador, a Figura 02 mostra o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-m), especializando dados do IBGE, cabe antes citar que o IDH de Salvador é considerado alto – 0,759 – mas grande maioria da população da cidade vive em áreas com números bem menores do índice. Desta forma, fica evidente que a distribuição das classes renda (classes sociais) e da formalização de empregos em Salvador apresentam uma evidente segregação entre a Área Urbana Consolidada e Orla Atlântica (Centro e Orla), por conta da predominância de classes sociais “A” e “B”; enquanto o Miolo e o Subúrbio, a predominância das classes “C”, “D” e “E”, relatando que a desigualdade está



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

presente e marcada por áreas em Salvador, mesmo que em áreas mais “nobres” existam núcleos com população de renda baixa – as periferias sociais.

Figura 01: Cartograma da distribuição racial do Brasil e de Salvador - Bahia



Fonte: Elaborado através de PataData, 2019.

Desse modo, a segregação racial na cidade apresenta efeitos sobre a situação socioeconômica assim como esta mesma é capaz de apresentar reflexos sobre a segregação da moradia (CAMPOS, 2007; GONZALES, E HASENBALG, 1982; TELLES, 2004). Sobre a segregação, Santos (1978) coloca que cada pessoa vale pelo lugar onde está, “seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território” (SANTOS, 1978, p. 81).



**SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL**

Figura 02: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-m)



Fonte: Relatório PLANMOB Salvador (2017) através de dados do Atlas Brasil (2010).

Em Salvador, ocorre o que afirma Telles (2004) “os brancos da classe média brasileira possuem poucos vizinhos negros, salvo talvez na condição de serviçais, principalmente porque estes têm sido mantidos fora desta classe”. (TELLES, 2004, p.176). A grande questão é que esta situação de segregação está além da cor da pele, possui base na herança da escravidão, nos processos de concentração de renda que causa divisão de classes e conseqüentemente áreas de baixo desenvolvimento humano, urbano etc.

Isso ocorre, pois, a população negra historicamente ocupou posição subalterna no que diz respeito às questões socioeconômicas e no âmbito urbano, conforme afirmam Oliveira e Souza Oliveira (2015), “a lógica da dominação do poder do capital e das desigualdades” que são reproduzidas nas cidades até os dias de hoje. Para os autores, “é no corpo da cidade que se dinamizam os lugares do racismo”, portanto, o que resta para a população negra segregada socioespacialmente são, além dos “piores” lugares na cidade é o exercício de atividades informais e de menor expressão socioeconômica, restando para grande parte as favelas, cortiços, palafitas e loteamentos chamados

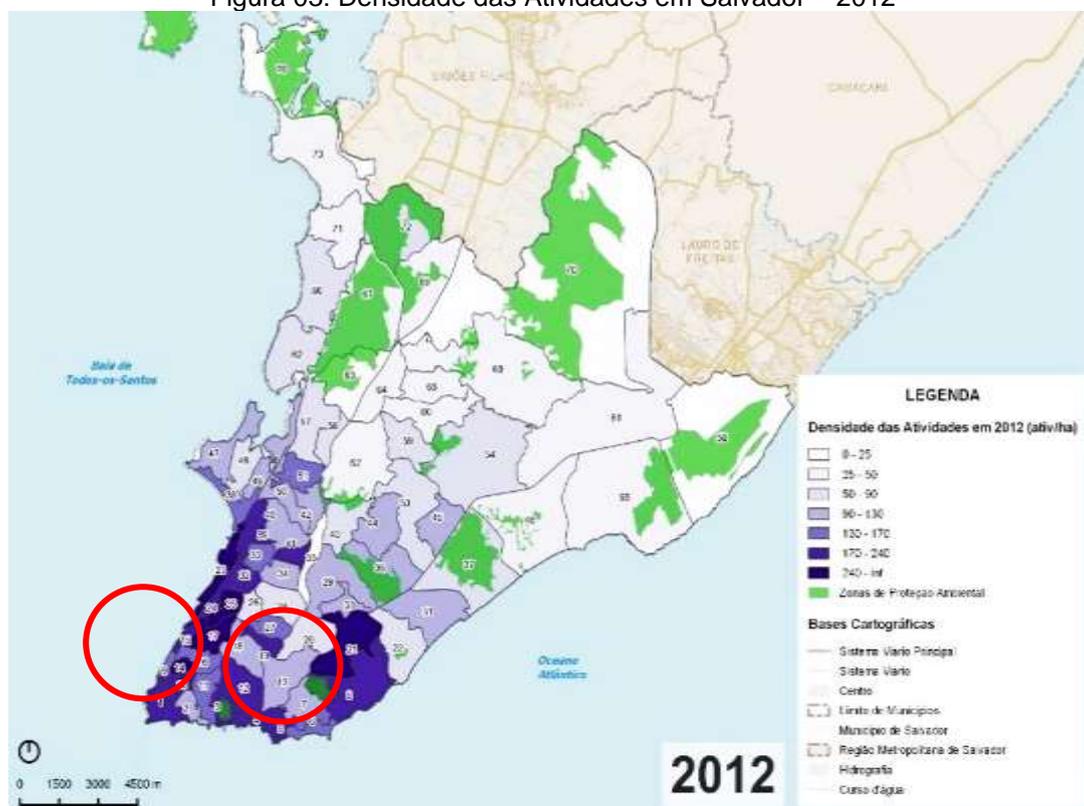


SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

“irregulares”, além disso, “o cenário do homicídio revela que as principais vítimas são homens, pobres, jovens e negros” (OLIVEIRA E SOUZA OLIVEIRA, 2015, p.1-2).

Em relação às questões socioeconômicas, em Salvador, as atividades estão concentradas nas centralidades econômicas, conforme ilustra o mapa da Figura 03: Densidade das Atividades em Salvador – 2012. De acordo com dados da Pesquisa de Origem e Destino (1995, 2012), as atividades de emprego que antes possuíam maior concentração no Centro Histórico – Centro de Salvador – apresentaram descentralização para as áreas do “Iguatemi e Pituba, mas também com alguns pontos ao longo da Avenida Paralela.” (Relatório Técnico – PLANMOB Salvador, 2017, p. 371).

Figura 03: Densidade das Atividades em Salvador – 2012



Fonte: Elaboração PlanMob Salvador (2017) – Dados Pesquisa OD/2012.

Com estes dados é possível observar que a evolução da população de Salvador para as áreas mais periféricas da cidade não acompanhou a evolução da oferta de empregos, uma vez que nos dados analisados a concentração das atividades de emprego continuou predominantemente nas áreas Centrais e na Centralidade do Iguatemi, já as áreas que

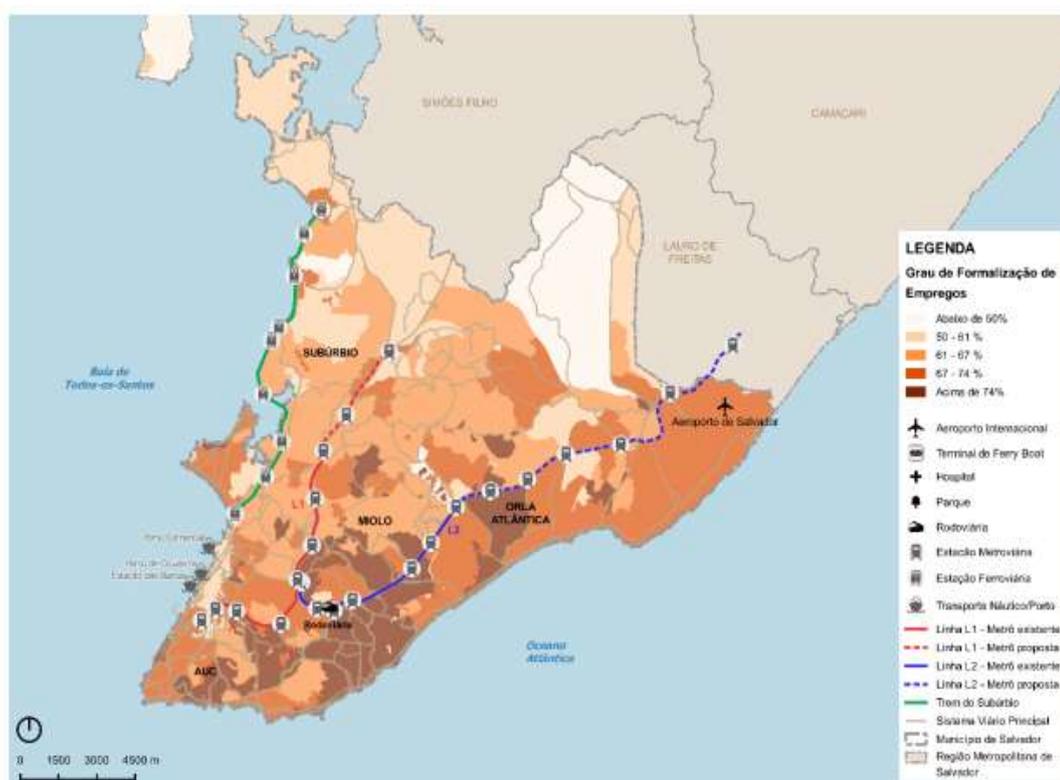


SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

mais cresciam em relação à população continuou carente de ofertas de empregos. A relação da distribuição da população e da oferta de empregos, relata que a população de Salvador – principalmente os grupos mais carentes – necessitam realizar longos deslocamentos diários para trabalhar.

A partir dos dados, é possível perceber que no período compreendido entre os anos de 1995 a 2012, houve uma descentralização das atividades do Centro para a área do Iguatemi, mas em outras áreas o crescimento da oferta de atividades não apresenta grandes números em relação às centralidades – Centro e Iguatemi –, fazendo com que seja preciso que os grupos que se localizam nas áreas periféricas precisem realizar deslocamentos mais longos.

Figura 04: Formalização de Empregos



Fonte: Relatório PLANMOB Salvador (2017) através de dados do Atlas Brasil (2010).

Outra análise importante no que diz respeito aos aspectos socioterritoriais de Salvador é relação de formalização de empregos e a renda média familiar (que corresponde à classe social). Neste caso, os dados fornecidos pelo Atlas Brasil (2010) e elaborado pelo Relatório PLANMOB (2017), relatam que as áreas com maior renda familiar são as

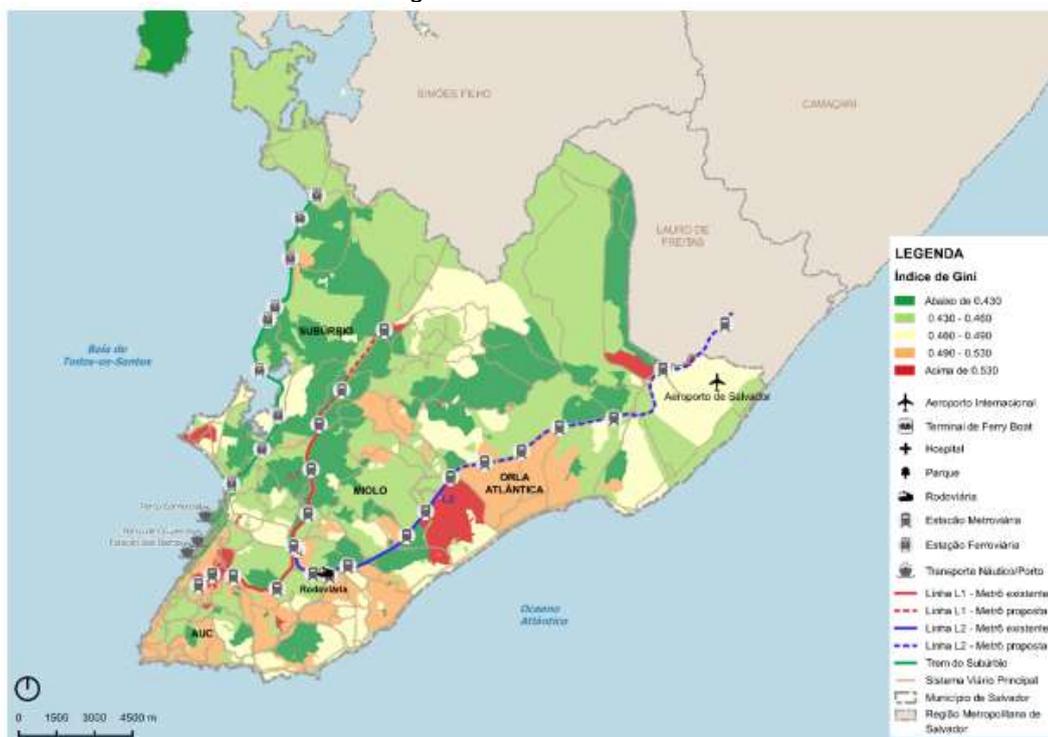


**SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL**

mesmas com a maior taxa de formalização de emprego, estas áreas são a Área Urbana Consolidada e Orla Atlântica (Centro e Orla), repetindo o padrão da divisão socioespacial de Salvador.

Ainda sobre esta mesma visão da desigualdade socioterritorial, um dado importante é o Índice de Gini⁷, que apresenta as condições de desigualdades através da diferença de taxas socioeconômicas entre áreas. No caso de Salvador, novamente, é possível observar que o Miolo e Subúrbio possuem maior homogeneidade (concentração de classes sociais baixas), já Centro e Orla, apesar de possuírem desigualdades, estas não são relevantes para tornar as áreas homogêneas, já que a desigualdade existe, mas a concentração de classes sociais mais alta é predominante.

Figura 05: Índice de Gini



Fonte: Relatório PLANMOB Salvador (2017) através de dados do Atlas Brasil (2010).

⁷O Índice de Gini é um indicador que compara a renda per capita entre os 20% dos mais ricos da população com os 20% dos mais pobres, seu valor é 0 quando não há desigualdade e tende a 1 à medida que a desigualdade aumenta. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Ainda relacionando com os dados já apresentados, o Relatório PLANMOB e o Atlas Brasil, apresentam os níveis de pobreza⁸ em Salvador, mostrando que mesmo com algumas exceções, a maior proporção de pobreza está localizada no Miolo e Subúrbio, conforme o Relatório PLANMOB (2017), “quando mais à noroeste do município maior o número de pobres.” (Relatório PLANMOB, 2017, p. 70). Estes dados reafirmam a divisão socioespacial da cidade, sendo possível relacionar as questões de vulnerabilidade socioeconômicas com o acesso às oportunidades de trabalho.

Portanto, compartilha-se com Bourdieu (BORDIEU, 1997, p.163) o entendimento que “o poder que o capital, sob suas diferentes formas, dá sobre o espaço é, também, ao mesmo tempo, um poder sobre o tempo”. Entende-se que as dinâmicas de segregação racial também alimentam e são alimentadas pelo processo de periferização, que tem como principais agentes o mercado e o poder público. Não desconsiderando a variedade e a multiplicidade de dinâmicas envolvidas na produção e reprodução da cidade.

CONCLUSÃO

A partir do que foi apresentado no decorrer do artigo, é possível observar que a lógica da segregação socioespacial está atrelada à questão étnico-racial, ou seja, quanto mais periférica a área, maior o número de pessoas pardas e negras (classificação IBGE) e maior a vulnerabilidade socioeconômica. É possível também observar que morar nas periferias significa que para a maioria desta população a reprodução de suas vidas (atividades, trabalho etc.) está intimamente ligada às questões de deslocamentos onerosos, isso quer dizer que, viver na periferia vai muito além dos índices de “precariedade” dos bairros. Dessa forma, é possível entender que a maior parte da população que vive nestas áreas precisam se submeter os movimentos pendulares: pendular periferia-centro-periferia em seu cotidiano, pagando o preço com seu próprio corpo os custos da dinâmica urbana excludente.

⁸Proporção de indivíduos com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$140,00 mensais, em reais de agosto de 2010. (Atlas Brasil, 2010)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

É possível compreender que a situação estrutural de pessoas negras – no Brasil e em Salvador - não é apenas herança do terrível período escravocrata, na medida em que é possível perceber o racismo como uma limitação ao movimento dos negros na sociedade de classes. Assim, percebe-se o lugar das pessoas negras no espaço urbano como objetos na cidade, sem características ou qualidades de individualidade e subjetividade, ou seja, a reificação, que neste caso é a do espaço urbano: mais ou menos precário, mais ou menos periférico, ou mais ou menos incompleto. Esta condição acontece com o lugar da moradia, com as possibilidades de trabalho, com o acesso à educação e com a condição de cidadania em geral.

Portanto, é possível perceber que a situação estrutural das pessoas negras no espaço urbano de Salvador, tanto pelas marcas deixadas pela escravidão quanto por influências translocais da diáspora, se caracteriza pela reprodução de um espaço urbano desigual, que precisa de políticas públicas, políticas urbanas e políticas de inserção plena de todas as pessoas sem distinção nos circuitos socioeconômicos e no centro do debate da agenda política.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil – População**. Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em 15 out. 2019.

CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GOMIDE, Alexandre de Ávila. **Transporte urbano, pobreza e inclusão social**. Panorama de Pesquisa em Transportes, XVII ANPET, v.1.

GONZALES, Lélia. HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Editora Marco Zero Limitada. Rio de Janeiro, 1982.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos urbanos**. São Paulo, Editora 34, 2009.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

MOASSAB, Andréia. BERTH, Joice. HOSHINO, Thiago. **As marcas urbanas da violência colonial**. Futuro das Cidades. Gazeta do Povo. 13/05/2016.

MOASSAB, Andreia. **Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2011. 338 p.

OLIVEIRA, Reinaldo José (Org). **A Cidade e o negro no Brasil: cidadania e território**. 2. São Paulo: Alameda, 2013. 268 p.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. SOUZA OLIVEIRA, Regina Marques de. **Origens da segregação racial no Brasil**, Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM [En línea], 29 | 2015, Publicado el 18 junio 2015, consultado el 17 julho 2017. URL: <http://alhim.revues.org/5191>.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)**. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes, nº 17, set. 1989.

SALVADOR. **Dados do Relatório Técnico do PlanMob** (2017). Disponível em <http://www.mobilidade.salvador.ba.gov.br/documentos/RT_14-PlanMob_SSA-TOMO_I.pdf> Acesso em 15 set. 2019.

SANTOS, Milton. **Cidadania Mutilada**. 1996.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. **A visibilidade da raça e a invisibilidade da classe**. A Invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2006, v, p. 71-96

TELLES, Edward E. **O significado da raça na sociedade brasileira**. Tradução para o português de Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil. 2004. Tradução: Ana Arruda Callado. Revisão Técnica e Formatação: Danilo França. Princeton e Oxford: Princeton University Press. Versão divulgada na internet em Agosto de 2012.

VILLAÇA, Flávio. **Perspectiva do planejamento urbano no Brasil de hoje**. Campo Grande: do autor, 2000. 16p (Texto apresentado no II seminário Cidades Brasileiras – Desejos e Possibilidades, organizado pela Prefeitura Municipal de Campo Grande, MS).